

## TEOLOGIA FRANCISCANA DA POBREZA EVANGÉLICA

Francisco Gonçalves Teles

### Resumo

Este texto não se propõe a encontrar saídas conceituais à pobreza evangélica, ao contrário, almeja ser lido numa dimensão de equilíbrio entre “forças” teológicas capitalistas contrárias à pobreza evangélica, indicando a exploração econômica de pessoas e recursos em nome de Deus. De acordo com a leitura franciscana, a pobreza evangélica é a dimensão espiritual do amor sacrificial, que serve mais que é servido, que no caso específico das riquezas, não atribui à vantagem econômica razão maior do que a responsabilidade com os excluídos. Francisco de Assis também indica, com sua própria vida de renúncia, as premissas espirituais daqueles que almejam o apostolado, nos termos estritos dos Evangelhos.

**Palavras chaves:** Francisco de Assis. Pobreza Evangélica. Espiritualidade Franciscana.

### Teologia da pobreza evangélica de Francisco de Assis

Francisco nasceu em Assis, na Itália, em 1182, e faleceu em 1226, e muito já se escreveu sobre ele, o que se dirá aqui não passa de apontamentos necessários.

Conhecemos de Francisco de Assis o que foi deixado pelo seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano. Ele produziu a primeira biografia e também a mais difundida, pois conhecera pessoalmente Francisco. Isto foi entre 1229 e 1230, e tinha por objetivo, além de homenagear Francisco, difundir suposta pretensão de Francisco em fundar uma Ordem.

Após Celano, outro franciscano chamado Giovanni da Fidanza ou simplesmente Boaventura, propôs escrever uma biografia oficial de Francisco de Assis, que resultou por demais piedosa e imaginativa, o que restou, até nossos dias, material de não muita credibilidade. (Spoto, 2003, p. 17)

Como dito acima, Francisco nasceu em 1182 e morreu em 1226, com 44 anos de idade, alguns estudiosos dão a data de 1181 para o seu nascimento, e isto é um problema, a questão da datação, conforme Spoto (2003, p. 15) observa, é a seguinte:

[...] Francisco morreu há quase 800 anos. Um dos problemas é a dificuldade de fixação de datas, pois até quase 1890 não existia um método padronizado para medir o tempo. Somente nessa época a maior parte (mas não a totalidade) do chamado mundo desenvolvido concordou em que o dia se iniciava à meia-noite, em contar as horas a partir de pontos situados no meridiano de Greenwich, na Inglaterra, e na Linha Internacional de Data, criada arbitrariamente.

[...] Naquela época, os relatos testemunhais sobre vidas individuais não eram organizados de maneira cronológica, e sim temática, e as narrativas sobre os santos eram escritas com objetivos de edificação, a fim de autenticar a santidade e estimular a devoção. Hoje em dia pensamos que a investigação biográfica

deve ser tão objetiva quanto possível e deve preocupar-se somente com dados empíricos, mas tais restrições não existem em séculos anteriores.

Sua conversão se deu gradativamente, segundo informa Le Goff, num longo espaço de anos, iniciando com as frustrações dos sonhos que alimentava na juventude de ser um grande e nobre cavaleiro.

Alistando-se para a batalha em favor de sua cidade, em 1202, contra a cidade vizinha dos perusianos ou perugianos, torna-se prisioneiro de guerra. Perúcia, ou Perugia, venceu a guerra contra Assis, e Francisco (Giovanni Bernardone) foi levado cativo, permanecendo assim durante mais de um ano. Sem contar que passou perto de ser exterminado na prisão, saindo através de resgate pago por seu pai, que era rico, no final de 1203. Sai, entretanto, com uma enfermidade que o acamou por todo o ano de 1204. A malária fora adquirida na prisão. Era uma doença que se alastrava virulentamente na Itália da Idade Média. Francisco era um jovem franzino e de baixa estatura e a enfermidade o deixou muitíssimo abatido a tal ponto de ele mal poder caminhar ou falar. Seu rosto estava “encovado e emaciado, a digestão comprometida e frequentemente tremia de febre durante horas”. (Spoto, 2003, p. 73)

Mas, novamente em 1205, voltou a participar de novas guerras, acompanhando um nobre de nome Apúlia, servindo nos exércitos do Papa contra as tropas do Imperador. (Le Goff, 2001, p. 61). Não temos a informação de que tenha chegado a ferir alguém no campo de batalha.

Sua conversão é demorada, mas tem dois pontos culminantes. Primeiro, a partir de uma voz que lhe fala numa igreja abandonada por nome São Damião, na Porciúncula, onde entra para descansar nas ruínas dela e ouve a voz de Deus dizendo para que ele consertasse sua igreja que estava em ruínas. Tomando as palavras ao pé-da-letra, Francisco começa a reformar esta igreja. O segundo ponto, desta vez, foi pela leitura em voz alta do evangelho de Mateus 10.7-10, feita pelo padre na missa. (Le Goff, 2001, 68):

7 - e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus.

8 - Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai.

9 - Não vos proveireis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos;

10 - nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.

Segundo Le Goff (2001, p. 61), ao término da leitura Francisco soltou um grito e disse: “Eis o que quero, é isso que procuro, isso que desejo fazer do fundo do coração.” Após o brado...

Transbordando de alegria, descalça os sapatos, joga fora seu bordão e não conserva mais do que uma única túnica, que amarra com uma corda à maneira de cinto. Essa túnica, enfeita-a com uma imagem de Cristo e a confecciona tão áspera que aí crucificará sua carne em seus vícios e seus pecados, tão pobre e tão feia que ninguém no mundo a invejará. (Le Goff, p. 68-69)

Le Goff (2001, p. 69) conclui que esta última parte de sua conversão se completa a 12 de outubro de 1208 ou 24 de fevereiro de 1209, estando Francisco com a idade de 26 ou 27 anos. A partir de então, define-se o seu destino e ele buscará viver como Jesus, a tal ponto que os alguns estudiosos entendem que a forma de vida levada por Francisco, depois do próprio Cristo, faz dele aquele que mais seguiu radicalmente as palavras dos evangelhos. Vale a pena observar o que diz um historiador protestante brasileiro sobre esta especificidade de Francisco de Assis:

Um dos confrades de Francisco ter-se-ia aproximado dele, certo dia, com a pergunta: “Por que todo o mundo corre atrás de ti, por que todo o mundo quer te ver, ouvir-te e obedecer-te? Não és bonito; não és muito estudado; não és nobre. O que há que todo o mundo corre atrás de ti?” [...] A pergunta do confrade também assaltou o historiador. Ela não é motivada apenas pelo racionalismo de quem vive após a Ilustração. Está, muito antes, ligada à própria pessoa de Francisco. Podemos dizer quem foi Tomás de Aquino ou Lutero, mas quase não conseguimos dizer quem foi Francisco. [...] O próprio Francisco pouco contribuiu para que se conseguisse desvendar seu enigma, como o atesta Tomás de Celano, que afirma ter ele privilegiado a linguagem enigmática. Muitos dos seus contemporâneos consideram-no pessoa vinda de outro século ou pessoa vinda de outro mundo. Após sua morte o espanto só aumentou. Dante o qualificou de novo sol, o biblista franciscano Pedro João Olivi (fal. Em 1298), ao interpretar o Apocalipse, considerou Francisco o anjo que abre o sexto selo. Todas essas expressões falam da impressão deixada pelo homem de Assis.

[...] Ele não foi um poeta panteísta, como muitas vezes se o tentou vender, também não pode ser despido de sua roupagem medieval. Não pode ser visto também apenas desde o ponto de vista estético. Francisco era rigorista no tocante ao corpo e não pode ser simplesmente confundido com o ecologista da segunda metade do século XX.

A pergunta do confrade tem que ser respondida a partir de uma categoria que é fundamental para Francisco: a categoria da similitude-de-Cristo. Alguns chegaram a dizer que Francisco parecia ter sido dado para a salvação do mundo, quase que como um novo Cristo. Francisco teria rejeitado tal afirmação como blasfema. A observação, no entanto, nos mostram um aspecto fundamental: a ligação mística de Francisco com Jesus Cristo. Ele se tornou, por meio dela, um símbolo de Cristo na Idade Média. Isso levou Tomás de Celano a afirmar que Francisco tinha muitas coisas em comum com Jesus. Levava Jesus no coração, na boca, tinha-o nos ouvidos, nos olhos, nas mãos, em todos os membros, constantemente. Há um parentesco de Francisco com Jesus. Esse parentesco vai tão longe, que chegamos a ter a impressão de que ele se vê no círculo dos contemporâneos mais próximos de Jesus. Sua celebração de Natal no povoado de Grécio é exemplo de como podia tornar presente, de maneira muito viva, o fato evangélico. Os contemporâneos realmente puderam ver o Natal “com olhos corporais”. Viam em Francisco a imagem perfeita de Cristo. Para eles, a vida de Francisco havia se transformado na vida de Jesus. Assim, o carisma todo

especial de Francisco era o de lembrar Jesus. Ele não só traduzia Jesus, mas o tornava presente. O rosto de Cristo se tornava presente no seu. Esse é o grande milagre presente em Francisco. (Dreher, 1994, p. 103-104)

Estas são marcas incontestáveis da personalidade e da teologia de Francisco de Assis, elas demonstram o aprofundamento de sua espiritualidade. Mas nem tudo era simples assim.

Durante todo o ministério itinerante, Francisco teve que se posicionar em relação às propostas do dinheiro, não somente ao dinheiro, mas também ao sucesso e da fama de um líder religioso, na ordem dos irmãos de vida simples, como declara o historiador protestante González (2000, p. 116-117), em episódios memoráveis:

Francisco temia que o êxito do seu movimento fosse a sua ruína. Os franciscanos eram respeitados, e existia sempre a tendência de colocá-los em posições que enfraquecessem sua humildade. Por isto o fundador fez todo o possível para inculcar em seus seguidores o espírito de pobreza e de santidade. Conta-se que quando um noviço lhe perguntou se não era lícito possuir um saltério, o santo lhe respondeu:

- Quando tiveres um saltério, quererás também ter um breviário. E quando tiveres um breviário te ostentarás no púlpito como um prelado.

Em outra ocasião um dos irmãos regressou cheio de alegria, e mostrou a Francisco uma moeda de ouro que alguém lhe tinha dado. O santo o obrigou a tomar a moeda entre os dentes, e a enterrá-la em um monte de esterco, dizendo-lhe que este era o lugar que cabia ao ouro.

Outro aspecto, a ser observado, diz respeito à maneira com que Francisco encara a questão do trabalho. Entendia que o trabalho dignificava o ser humano e os frutos do trabalho serviam para subsistência e não para o acúmulo e enriquecimento. Em relação ao próprio Francisco, sabe-se que quando não estava pregando e cuidando dos enfermos, trabalhava na agricultura com os irmãos. Ademais, sua ordem também era uma ordem mendicante, e os irmãos dividiam o tempo entre trabalho, pregação, cuidando de enfermos e pedindo esmolas, não para eles mesmos, mas para os desamparados e excluídos: leprosos, órfãos, viúvas, enfim, aqueles que estavam classificados abaixo da linha da pobreza e do desprezo social. Note-se, neste ponto, o grau de identificação e coerência da pregação dos pregadores franciscanos e o seu real envolvimento com o povo ouvinte, eles se aliavam a este e ofereciam o que tinham de melhor, sem cobrar nada em troca pelos serviços religiosos prestados. Não existia escambo religioso, econômico ou social, mas liberalidade espiritual.

De fato, a teologia de Francisco de Assis tinha como pensamento principal e norteador a pobreza evangélica, na forma mais pura e literal, como verificada nos relatos dos evangelhos, e não somente em relação à pobreza, mas também em relação a ritos litúrgicos durante os cultos. Mesmo respeitando as liturgias, era necessário trazer à existência as palavras dos

evangelhos e praticá-las fora do culto, encarnando os sacramentos na vida e a vida nos sacramentos.

Derivando-se desta maneira radical de entender os evangelhos, surgiu a condição ascética individual e comunal que, aos olhos de Francisco de Assis, tornava o Cristo significativo, relevante e presente em sua vida. Riquezas de boas obras e generosidade somadas a simplicidade de comunicação teológica, também tornaria Cristo relevante e presente na vida das pessoas humildes, pois muitas delas não tinham condições intelectuais para suportar reflexões teológicas mais aprofundadas. Daí a necessidade da pregação simples de Francisco. Apenas sermões expositivos já não podiam satisfazer o povo, que pouco legitimava a condição dos sacerdotes, ora dependentes e presos às ordens superiores, ora amedrontados de contraírem impurezas ou pecados cerimoniais. O que realmente o povo notava é que em diversas situações - nem todas - o modo de viver eclesiástico se tornava uma maneira confortável de garantir *status* social e político, bem como a estabilidade financeira. Isto porque, tais pessoas entendiam o sacerdócio como vocação espiritual e pastoral, não como uma profissão intelectual (ainda que esta última seja uma perspectiva muito em voga nos dias atuais). Por sua vez, a Igreja, conquanto patrocinadora de mentes brilhantes como a de Tomás de Aquino, e muitíssimos outros, contudo não satisfazia plenamente as necessidades espirituais do laicato.

É neste ponto da História Eclesiástica que se apresenta Francisco. Sua pregação viva e atuante vem suprir de alguma forma a carência de assistência espiritual e responde aos anseios do povo de maneira tão plena e contagiante que outros movimentos de pobreza evangélica restaram apequenados. Seu movimento parece tão atraente ainda hoje, ofuscando mesmo a própria História. O entendimento do senso comum e o conceito de pobreza evangélica ainda estão relacionados à imagem de Francisco, como se fosse ele o único e exclusivo iniciador do movimento de pobreza na hagiografia, e isto não é verdade.

Certamente que este carisma franciscano justifica-se por vários fatores, por exemplo, o aprofundamento do sentido prático dos evangelhos, que é o aspecto primeiro da mentalidade franciscana. Tal aprofundamento, ao contrário do que se imagina, não carece de erudição acadêmica para que se faça compreender, mas de assimilação profusa e admiração intensa por Cristo, o que para Francisco parece ter sido a realidade última das coisas (realismo). De fato, ele não tinha erudição, uma vez que tudo indica que Francisco provavelmente desconhecia o estudo formal de Teologia, que era um estudo avançado, qualificado como *quadrivium* na Idade Média, necessário para a obtenção do grau de mestre, enquanto que Francisco apenas estudou formalmente menos de dois anos.

A teologia de pobreza pregada por Francisco foi exclusivamente uma proposta de vida ascética para ele mesmo, porém que atraiu a outros. Verifica-se, no entanto, sua dificuldade em liderar os irmãos que se achegavam a cada dia. Francisco debatia-se em ter que presidir os irmãos que com ele andava, tanto é verdade que depois de algum tempo ele entrega a direção da Ordem para um companheiro - frei Cattani. Francisco não pensava e de certa forma até mesmo temia a idéia de liderar ou instituir um movimento religioso das proporções de uma ordem, e, ainda que esta, depois de formada, se desdobrasse em várias outras ordens - conventuais ou itinerantes -, levando uma derivação do seu próprio nome – franciscana. O fato temido mas inevitável aconteceu e, em 1220, Francisco de Assis entrega a liderança da Ordem a frei Pedro Cattani, e, em 1221, com a morte de Cattani é frei Elias que assume e passa a ser o Ministro-Geral da Ordem.

As possíveis dificuldades de liderança de Francisco talvez sejam explicadas por pensar de si mesmo menos do que outros pensavam dele, e até mesmo encarar a realidade de sua limitação em todos os sentidos em relação aos demais integrantes do movimento, e por cima ter que se esforçar na administração de pessoas mais experientes e intelectualmente mais capazes, uma vez que na ordem existiam irmãos com diversas formações - sacerdotes, advogados... -, e isto constituía um sacrifício desnecessário para Francisco, pois seu interesse maior se pautava no conceito de administrar a pregação, servir e depender exclusivamente de Cristo, acreditando ingenuamente (coerentemente?), que o próprio Cristo era o administrador fiel das questões de todos os irmãos, inclusive as de Francisco mesmo. Ademais, não apreciava nenhuma propaganda a seu respeito, queria apenas e unicamente mostrar a simplicidade do evangelho de Jesus. Queria viver para servir e pregar, cantar e adorar profusamente. Fazia questão que Cristo aparecesse cada vez mais em suas pregações e vida, e ele (Francisco) diminuísse. Suas pregações eram tão centradas na pessoa de Cristo que se usarmos a imaginação poética é possível pensar que, enquanto Francisco pregava, ao mesmo tempo, procurava uma maneira de se esconder atrás da pessoa de Jesus, tanto para se proteger da idolatria quanto para encontrar em Cristo consolo e carinho. Ao transmitir a mensagem temia respeitosamente ultrapassar em eloquência os limites de sua espiritualidade ou exacerbar-se além de sua própria imagem e aparência de pobreza, e com isto atraísse mais para si a atenção do que a que se devia a Cristo.

Entre poucos, Francisco foi adepto de um modo de vida de pobreza voluntária, isto é, um modo de vida e de interpretação dos evangelhos, no que concerne à pobreza, a mais literal possível, como já afirmado aqui. Tem sido uma utopia possível a algumas ordens franciscanas viver na proposta de pobreza, mas querer atualizar a questão da pobreza, como Francisco

pensava, em termos de praxe religiosa coletiva ou institucional nos dias atuais não é senso comum nem utopia de todos. Talvez esta seja possível numa perspectiva individual.

Outro ponto a ser observado na vida de Francisco era o sentido de apostolado que se depreendia de seu ministério. A visão apostolar hierarquizada daquele líder religioso imóvel, que decide – de longe - com apenas uma palavra ou uma assinatura os assuntos espirituais, foi uma metamorfose ocorrida na administração eclesiástica que os tempos e as circunstâncias trataram de formar como característica plausível, e em Francisco essa concepção fora contrastada com a premissa evangélica do significado de ser apóstolo. Francisco retomou este significado em seu sentido estrito, como função itinerante e missionária, daquele que vai caminhando entre todos e com todos, que não tinha onde repousar a cabeça e, principalmente, não tinha nada que fosse só seu. Não seria fácil para muitos “apóstolos” atuais ter estes requisitos de apóstolo.

Contudo, a pobreza evangélica e apostólica não é algo que se possa falar com tanta coragem ou precisão nos dias atuais. Por conta da pós-modernidade, há uma relativização muito grande em quase todos os conceitos existentes hoje, e o conceito de pobreza é realmente relativo, ante a complexidade que ele encerra, e pelas razões definitivamente expostas pelo teólogo franciscano contemporâneo, Karl Rahner (1969, p. 55):

Pobreza e riqueza são evidentemente conceitos relativos. Significam sempre a quantidade de bens materiais de que um indivíduo pode dispor livremente, comparada com a quantidade de tais bens que se possui em média no respectivo período econômico-cultural. Não tem muito sentido chamar de pobre a um pigmeu das florestas de África central, pelo fato de ele não possuir nenhuma camisa.

Com base nisto, este trabalho não se propõe a encontrar saídas para o conceito, mas ao contrário gerar outras discussões, por exemplo, tentar ser lido numa dimensão de equilíbrio entre “forças” teológicas capitalistas contrárias à pobreza evangélica, indicando a exploração econômica de pessoas e recursos em nome de Deus, desfazendo a concepção de que a pobreza deva ser considerada como uma marca demoníaca impingida por Deus no pobre. Essa concepção teológica não é possível na perspectiva de Francisco, nem se encontra no Novo Testamento.

## Francisco de Assis e suas contribuições

Muitos acreditam que Francisco de Assis deu continuidade a tradição evangélica de pobreza, mas nem todos acreditam que a mesma tradição possa ser encontrada ainda em nossos dias de forma pura, mas isto é difícil de apontar no momento, pois existem diversas ordens e movimentos franciscanos espalhados pelo mundo, inclusive em meios protestantes. Interessa mesmo é reconhecer que essa tradição permanece viva e propagando as idéias de Francisco, que continua a influenciar profundamente pessoas depois de centenas de anos no mundo ocidental, mundo este carente de um místico de sua envergadura.

Francisco deixou sua marca na arte, na literatura e na história da civilização ocidental, a começar por Dante, que nasceu 40 anos após sua morte e que dedicou a Francisco quase a totalidade de um dos cantos da *Commedia*. Não é exagero dizer que todas as expressões italianas subsequentes de cultura religiosa devem algo a Francisco, desde os afrescos de Cimabue e Giotto até os filmes de Vittorio de Sica e Federico Fellini, que estão impregnados de uma profunda sensibilidade franciscana. (Spoto, 2003, p. 20)

A figura de Francisco no cenário religioso é reconhecidamente uma das mais importantes. O religioso sincero encontrará em Francisco de Assis um grande exemplo de abnegação e singeleza. A vida de Francisco de Assis, quando interpretada por qualquer corrente de linha teológica cristã, consegue gerar um elo inédito de tolerância e de extraordinário consenso entre católicos e protestantes, e até mesmo entre adeptos de outras religiões:

REVISTA DIGITAL DE  
ESTUDOS EM RELIGIÃO

[...] Sua figura atrai praticamente a todos, provavelmente porque (ao contrário da maioria dos santos) ele não é propriedade da Igreja Católica Romana. Sua primeira grande biografia moderna foi escrita por um protestante francês; um dos mais importantes historiadores do franciscanismo foi um bispo anglicano; um ortodoxo grego é autor de um vigoroso romance sobre sua vida; e para ser fotografado em uma conferência de paz em Assis, o Dalai Lama quis sentar-se no lugar que Francisco amava, e no qual morreu. (Spoto, 2003, p. 22)

Ele possui o respeito não só dos católicos, mas também dos protestantes históricos, pentecostais, neopentecostais, e de diversas correntes cristãs e religiões pelo mundo afora. E para não restar dúvidas disto, Le Goff (2001, p. 61) assevera: “Mas o autêntico ponto de partida da busca do verdadeiro São Francisco é a obra fundamental do protestante Paul Sabatier, em 1894”. Todos eles reconhecem que Francisco de Assis percorreu dedicadamente o caminho da busca do ideal maior, o amor. Todos têm a certeza de que foi uma pessoa que levou a religião a sério, sendo esta uma das mais fortes impressões deixada por ele:



O aspecto mais provocante de Francisco de Assis, afinal, é a absoluta seriedade de sua vida. Ele arriscou tudo para ganhar mais do que simplesmente alguma coisa; à medida que sua vida se tornava mais problemática, mais complicada e mais dolorosa, ele se manteve concentrado não em si mesmo, mas em Deus. Não usou as pessoas e as coisas para elevar-se a Deus; começou com Deus, e ali encontrou a verdade de todos e de tudo. (Le Goff, 2001, p. 310)

Parece romântico, mas Francisco entendia que para se aproximar de algo parecido com o amor *ágape* (que pode ser interpretado como amor sacrificial), não bastava conhecer o significado original da expressão, menos ainda conhecer as 116 vezes que tal expressão ocorre no Novo Testamento; mas vivê-lo e prová-lo. Francisco tentou um esvaziamento de sua vida para enchê-la desse amor. E, pelo que se depreende da história da sua vida, ele perseverou em continuar descobrindo que tal amor requeria enfraquecimento e esvaziamento radical de si. Note-se que este esvaziamento não consistia em alienação total de outrem em detrimento de sua própria espiritualidade. Esta parece ser sua maior virtude - ter sua espiritualidade somente e suficientemente para si. Ele era coerente em não orgulhar-se da espiritualidade que ensinava. Todo este enfraquecimento ou esvaziamento significou, no final das contas, um esgotamento (sacrifício) voluntário de vida de si em favor das pessoas, em vários sentidos e mais no sentido social e físico:

Não obstante, fundamentou sem dúvida toda a sua política na negação daquilo que julgamos ser a mais imperiosa necessidade; em seus três votos – de pobreza, de castidade e de obediência – negou a si mesmo aquilo a que mais amara: propriedade, amor e liberdade. (Chesterton, 1993, p. 76).

Em sua época, a morte freqüentava mais a terra, ela vinha depressa sobre as populações européias, através de pestes, epidemias e guerras. Certamente essa situação calamitosa, aliada a uma grande compaixão aos excluídos e desamparados do mundo, tenha criado em Francisco suas inquietações em visitar outros povos, anunciando sua proposta de paz, proposta esta, aliás, muito estranha e revolucionária para o seu tempo. Francisco de Assis foi o primeiro a ultrapassar as fronteiras ocidentais indo a outros povos com um plano de paz revolucionário:

[...] Foi também a primeira pessoa do Ocidente a viajar a outro continente com a idéia revolucionária de fazer a paz. Fez isso ao rejeitar o sistema econômico da riqueza calculada: sem a ira de um rebelde e sem condenar uma só alma. [...] Ao contrário de muitos devotos, não sabia como condenar. Sem ser agressivo nem intolerante, era alguém que fazia a paz e a reconciliação e que de forma aberta recebia praticamente qualquer pessoa que viesse juntar-se aos Irmãos Menores. (Spoto, 2003, p. 309)

Some-se a isto o fato de que, além das pestes, pragas e epidemias, o seu tempo foi marcado por extrema desumanidade, demonstrada pelas guerras constantes entre as cidades.

Eis, aí, o aspecto missionário de Francisco de Assis demonstrado na *Oração pela Paz*, que passou a ser chamada de *Oração de São Francisco*, ainda que não seja originalmente dele. A estrofe a seguir justifica a razão pela qual recebeu essa nova titulação, pois reflete a sensibilidade e caráter evangelístico de Francisco:

Senhor,  
Fazei-me um instrumento de vossa paz.  
Onde houver ódio, que eu leve o amor;  
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;  
Onde houver discórdia, que eu leve a união;  
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;  
Onde houver erro, que eu leve a verdade;  
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;  
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria; [...] (Boff, 1999, p. 6)

Esta oração de fato exprime o sentimento puro de Francisco e sua consciência de mundo espiritual e visível. A isto se pode denominar de sensibilidade intra e ultramundana, pois suas atitudes em relação ao rigor disciplinar de jejuns e orações, de auto-humilhação e auto-flagelação, são temperadas com as alegrias do vigor corporal por meio de danças e musicalidade. Do ponto de vista da psiquiatria moderna, estas ações seriam compreendidas como insanas. Não era incomum, porém, para o tempo de Francisco, que enxergava mesmo no martírio em nome da fé, uma atitude heróica. Aproveitando a questão do martírio para realizar uma breve digressão, vê-se que, diferentemente dos mártires na História, que entregaram suas vidas de uma só vez, Francisco renunciou e entregou sua vida aos poucos, que é uma maneira mais penosa de martírio.

Francisco de Assis andava na contramão do sistema secular e eclesiástico, porém silenciosamente, sem motins, mas fazendo de suas atitudes sermões cortantes. Após sua morte alguns movimentos foram inspirados em Francisco de Assis, “Rigoristas”, “Moderados”, “Espirituais”, mas foram movimentos que a Igreja controlou, e a outros, perseguiu através do braço da inquisição. Inclusive, esses movimentos franciscanos, eram de inspiração itinerante, tanto no estilo de pregação, quanto na maneira de entender a espiritualidade do laicato, que muito se aproximava da originalidade de Francisco de Assis. Mas, como já dito, foram perseguidos por toda parte, principalmente e estranhamente pela ala franciscana da Igreja chamada de os Conventuais, que estava ligada diretamente aos interesses da ortodoxia, pois consideravam tais movimentos, contrários aos ensinamentos da vida e da regra franciscana. Parece contraditório, porém mais contraditório é o fato de vários inquisidores, posteriormente,

terem sido franciscanos. Não é à toa que o historiador Justo L. Gonzalez (2000, p; 125), dê a seguinte nota:

Um dos ideais mais elevados da época que estamos estudando foi o de uma pobreza absoluta, imitando o Senhor, que não tinha “onde reclinar a cabeça”. Ninguém encarnou este ideal como o fez São Francisco. Mas mais tarde os seguidores do pobrezinho de Assis chegaram a se combater por causa das suas riquezas; os discípulos do santo que amava a “irmã água” e o “irmão lobo” acabaram insultando, atacando e perseguindo seus irmãos de religião. Como Inocêncio tinha percebido tão bem, os ideais do pobrezinho eram elevados demais para a realidade humana.

Mas esta não é marca adequada do movimento franciscano nem os procedimentos dos franciscanos verificados no contexto histórico passado e recente.

O penetrante modo de vida de Francisco nos faz conjecturar que, contra a Igreja, Francisco não proferiu duras pregações, entretanto, sua vida exemplar ecoou pelo sistema asperamente, pois tudo indica que ele a reformou por dentro. Sua prática mendicante era como que perguntasse qual era o destino dado aos dízimos e às ofertas, legitimamente cobrados e ilegalmente administrados pelo sistema eclesiástico, pois não era possível que passasse despercebido por Francisco o modo de vida luxuoso do clero, enquanto o povo sofria falta de absolutamente tudo, menos de exploração.

Falou-se muito até aqui somente de pobreza como se a intenção oculta fosse atacar os ricos ou a riqueza, deve ficar claro, contudo, que Francisco não odiava os ricos, ele os amava, muitos ricos e afortunados contribuía no seu ministério apostólico, mas isto não os tornava mais especiais e nem mudava a opinião de Francisco em relação ao acúmulo de bens como um fim em si mesmos. No entendimento da teologia verificada em Francisco, este tipo de prosperidade egoísta constituía um desrespeito contra as normas estabelecidas nos evangelhos; um pecado contra o Jesus que pregou o sermão mais famoso do mundo, o Sermão da Montanha: “... Bem-aventurados vós pobres, por que vosso é o reino de Deus.” (Lucas 6.20b). Francisco de Assis fez sua própria hermenêutica em relação a estas e outras passagens dos evangelhos, fixando sua ética na fraternidade ao próximo. Nesse sentido, a teologia de Francisco confundia-se com ele mesmo.

Temos visto até aqui alguns pontos da Teologia Franciscana. Temos percebido a dificuldade e a complexidade de se lidar ou dar resposta precisa ao conceito de pobreza, com base na pobreza franciscana ou qualquer outra, por se tratar de fator sócio-cultural e que se move por uma relatividade incomensurável. Contudo, pudemos indicar e até afirmar com alguma precisão que o conceito de bem ficou bem claro em Francisco e sua teologia de

pobreza, pois deu ênfase a um humanismo nos termos da modernidade, sem, contudo, o abdicar da fé. Nas palavras de Le Goff (2001, p. 102):

Os historiadores do fim do século XIX e os do século XX fizeram coro e exaltaram a *modernidade* de São Francisco, iniciador do Renascimento e do mundo moderno. O francês Émile Gebhart, em *L'Italie mystique* ["A Itália mística"] (Paris, 1906), associava Francisco de Assis a Frederico II, e via nesses dois primeiros grandes *modernos* da Idade Média aqueles que, cada um em sua esfera, libertaram a Itália e a Cristandade do desprezo do mundo, da obsessão do Diabo, do peso do Anticristo. Francisco era o *libertador*: "Os traços distintivos da religião franciscana, a liberdade de espírito, o amor, a piedade, a serenidade alegre, a familiaridade formarão, por muito tempo, a originalidade do Cristianismo italiano, tão diferente da fé farisaica dos bizantinos, do fanatismo dos espanhóis, do dogmatismo escolástico da Alemanha e da França. Nada daquilo que, um pouco por toda parte, ensombreceu ou estreitou as consciências, nem a metafísica sutil, nem a teologia refinada, nem as inquietudes da casuística, nem o excesso da disciplina e da penitência, nem o extremo escrúpulo da devoção, pesará daí em diante sobre os italianos.

Francisco de Assis deixou marcas profundas na sociedade que os seus biógrafos não deixaram de registrar. O propagador maior do presépio de natal (não o inventor), o patrono da ecologia (com justiça). Mas, acima de tudo, Francisco foi um homem da fé mística e atuante. Não foi um teólogo profissional ou intelectual, mesmo assim, quanto à teologia, Francisco de Assis liga-se à tradição teológico-evangelical do apóstolo Paulo e neoplatônica de Santo Agostinho, seguindo adiante, por meio dos pensadores franciscanos, alcançando Lutero e Calvino na Reforma. Esta linha perpassa praticamente toda a teologia protestante, que encontrou, lá atrás, em Agostinho o seu Doutor, da mesma forma que a teologia católica, por haver "perdido" Agostinho, adotou Tomás de Aquino como seu Doutor. E tantos outros nomes poderiam ser alistados por esse viés teológico. Com efeito, ainda que Francisco de Assis não fosse nem teólogo, nem sacerdote, mas diácono, e talvez o que ele soubesse desta filiação à tradição teológica tenha sido adquirida em virtude da convivência com os sacerdotes de seu movimento ou por outros meios, uma vez que sua instrução formal não passou de dois anos, contudo, não se deteve nela, antes, para sua pregação e vida, busca principalmente as fontes dos evangelhos, como demonstra a seguinte estatística:

[...] Tomás de Celano definiu São Francisco como um *homo novus* e o franciscanismo como uma *sancta novitas*, mas essa "novidade" pode ser definida: o Evangelho, nada mais que o Evangelho e o Evangelho todo. O Evangelho mais que a Bíblia. Porque, para São Francisco, a grande fonte não é o Antigo Testamento, mas o Novo. Em 196 citações bíblicas nos escritos de São Francisco, não há mais do que 32 citações veterotestamentárias (nove das quais de Salmos) para 164 neotestamentárias (115 das quais dos Evangelhos). As outras autoridades citadas são Santo Agostinho (uma vez) e São Jerônimo (uma vez). (Le Goff, 2001, p.102)

Nesta tradição herdada e legada por Francisco, inserem-se os mestres franciscanos, grandes intelectuais da Idade Média, dentre os quais podemos destacar: o inglês Alexandre de Hales; Boaventura; Rogério Bacon; João Duns Scotto; Guilherme de Occam; João de la Rochelle; João Peckam; Pedro de Maricourt; Pedro João Olieu ou Olivi; Mateus de Aquasparta; Rogério de Marston; Dante Alighieri, e outros. Esses são nomes bem expressivos na longa lista de intelectuais franciscanos que testifica o quanto Francisco de Assis os impressionou e influenciou intelectualmente.

Francisco de Assis também influenciou na Arte, dramatizando a religião cristã, no desenvolvimento das *Lodi* ou “Cânticos de louvor”, dos Autos, *Sacre Reppresentazioni* (Sacras Representações), que aconteciam na Idade Média, na propagação do presépio, no realismo e na narrativa, verificados no uso das historinhas, que era um aspecto da pregação franciscana que, além de outras coisas também colaborou na educação teológica. E em tantos outros aspectos da Arte:

Propondo como programa um ideal positivo, aberto ao amor de todas as criaturas e de toda a criação, enraizado na *alegria* e não mais na *acedia* mal-humorada, na tristeza, recusando-se a ser o monge ideal da tradição dedicada a *chorar*, ele abalou a sensibilidade medieval e cristã e reencontrou um júbilo primitivo, depressa abafado por um cristianismo masoquista.

Fazendo com que a espiritualidade cristã chegasse à cultura leiga de cavalaria dos trovadores e à cultura leiga popular do folclore camponês com seus animais, seu universo natural, o maravilhoso do franciscanismo fez saltar a tampa que a cultura clerical fazia pesar sobre a velha cultura tradicional da humanidade. (Le Goff, 2001, p. 103)

Entendo, entretanto, que a maior contribuição de Francisco, como já por muitas vezes indicados neste texto, foi a dinâmica de sua fé apostólica de âmbito secular e eclesiástico, configurando-se como um dos primeiros grandes reformadores da Igreja, sem ser por ela excluído. E isto se deve, especialmente, a uma série de situações favoráveis tanto dentro da Igreja quanto fora desta, se não fosse assim, certamente que Francisco e seu movimento teriam sido aniquilados, e provavelmente teríamos hoje em dia uma idéia distorcida de Francisco, talvez como mais um herege que viveu há muito tempo e que levantou, não com muitas palavras, mas com muitas atitudes, propostas e condutas indevidas contra a santa Igreja, e que esta o condenara a um silêncio obsequioso ou a uma exclusão justa e merecida. Porém, sua reforma foi entendida como uma contribuição, contribuição esta expressiva e perene. Expressiva, pois foi um movimento irresistível, atraindo tanto os de dentro da Igreja quanto o apoio do povo de fora dela. Perene, pois houve continuação, após a morte de Francisco, de seus ideais evangélicos, estruturando-se e expandindo-se dentro e fora da

Igreja, através das ordens franciscanas. Existia uma Igreja antes de Francisco de Assis, após ele tem-se outra Igreja. Uma espécie de vírus franciscano adentrou as portas da santa Sé, mas que foi controlado. Este controle, às vezes, era para Francisco, uma flecha no calcanhar, devido ao fato de ele ter integrado seu movimento à Igreja, essa exercia suas prerrogativas sobre este e as ordens.

Não obstante, essa contribuição reformista não fora uma exclusividade implantada por Francisco somente, existiram outros anteriores a ele e também outros depois dele, que perceberam a necessidade de uma reforma e um avivamento estrutural a partir de dentro da Igreja. Foi o caso dos valdenses, movimento anterior a Francisco, e dos pré-reformadores, anteriores à Reforma Protestante, mas que foram ambos estancados violentamente pela Igreja. O ápice e a ruptura total que ocorreu com a Igreja na Reforma Protestante do século XVI, já era algo lentamente experimentado na sua história e que marcaria a descontinuidade deste processo. Podem-se apontar alguns movimentos antecedentes, como o dos Premonstrantenses e outros, mas especialmente o de Pedro Valdo (valdenses):

[...] em 1176, na cidade de Lyon, o qual em virtude de leitura bíblica ou de narração em praça pública, na qual se contou a lenda de Aleixo, Valdes, Valdesius ou Waldensis converteu-se à pobreza apostólica.

[...] Valdo não é o inventor do ideal da pobreza. Esse se encontra na história bíblica. No século de Valdo, porém, esse ideal atraiu novamente multidões. Norberto, o fundador da Ordem dos Premonstrantenses, buscara concretizá-la. A novidade em Valdo, no entanto, é a de julgar que o ideal da pobreza diz respeito a todos os cristãos e não só aos monges. (Dreher, 1994, p. 100-101)

Este movimento encontrou em Francisco uma oportunidade de continuidade. Não estou afirmando que os valdenses foram os franciscanos reconfigurados, mas expressa o mesmo sentimento de inconformismo com a situação de distanciamento entre cristianismo e sua prática, ademais, fora despertado um anseio generalizado de retorno ao princípio evangelical e apostólico. Um dos principais argumentos para sustentar esta idéia, pode ser percebido no simples fato da participação e interesse do laicato na pregação missionária e na sua adesão às ordens franciscanas: Ordem dos Frades Menores para quem deseja viver como Francisco; Ordem das Irmãs Clarissas, chamada de 2ª Ordem, destinada às religiosas reclusas (contemplativas), seguidoras de Clara de Assis, amiga e seguidora de Francisco; a Ordem Franciscana Secular, chamada de 3ª Ordem, destinada a leigos, casados ou solteiros (depois surgiram outras ordens franciscanas). A criação destas ordens contribuiu para a manutenção do pensamento de Francisco e para aproximar o povo novamente à Igreja.

Quando olhamos para a Reforma Protestante, vemos algum paralelo, mesmo que radical, com o movimento franciscano, no sentido de absorver a participação popular no contexto religioso. Evidentemente, que este paralelo não pode ser de todo aplicado, porque a idéia da Reforma Protestante era mais radical em todos os sentidos, no caso religioso, era de transformar o próprio povo em sacerdote, ou seja, por meio da idéia de “sacerdócio universal dos crentes”, tendo a Bíblia com única regra de fé e prática, firmando-a definitivamente nas mãos deste laicato. O caráter religioso do laicato que aderiu ao movimento franciscano, igualmente no papel do leigo posteriormente na época da Reforma, era ascético, como é observado por G. K. Chesterton (1993, p. 75), comentando uma biografia de Francisco de Assis feita por Adderley, em que fala sobre o ascetismo do laicato: “Mas não deitou luz alguma sobre o que deve ser para o leigo o absorvente problema desse ascetismo católico, pois não encontra em absoluto nenhum problema na excelente razão que alguém teria para não ser um leigo”. Aliás, esta era uma característica dos movimentos religiosos não só dos pregadores das ordens franciscanas, mas também dos beneditinos e dominicanos, dentre outros. Enquanto uns estavam pregando sermões às multidões, pelas cidades e pelos caminhos, outros estavam enclausurados, gerando conhecimento e formando grandes pensadores. Assim, podemos dizer que estes movimentos, trabalhando em conjunto, contribuíram intelectualmente na educação teológica, juntando a prática e a teoria, como observa Paul Tillich (2002, p. 155):

REVISTA ESTUDOS EM RELIGIÃO

Os monges produziram a mais refinada forma da cultura estética medieval e, até hoje, algumas ordens monásticas representam ainda as mais altas formas culturais na Igreja Católica. Os beneditinos, em particular, têm preservado essa tradição até nossos dias. Os monges eram também os mantenedores da ciência teológica e, talvez, da ciência em geral. Os maiores teólogos foram os franciscanos e especialmente dominicanos. Havia monges que se dedicavam ao trabalho agrícola, à irrigação das terras, ao aproveitamento das regiões pantanosas e a inúmeras outras atividades necessárias às novas terras na Europa central e do norte, onde houve muitas conversões. Esses grupos monásticos representavam a vanguarda ativa e ascética da igreja, como diríamos hoje.

Martinho Lutero mesmo foi egresso de mosteiro, e teve sua formação teológica agostiniana, cercado-se de toda esta erudição, tanto que produziu muitíssimos documentos.

Nota-se, até aqui, o processo histórico em que esteve envolvido o cristianismo até a época da Reforma. O franciscanismo participou efetivamente deste processo, tanto na pregação quanto na reflexão teológica, como fator preponderante na composição do cimento intelectual medieval.

Francisco e os franciscanos contribuíram, definitivamente, no diálogo de duas realidades religiosas distintas: uma engessada na intelectualidade dos mosteiros, extremamente erudita, e outra voltada às necessidades espirituais do povo. Avivamento espiritual e intelectual foi o resultado da pregação evangélica franciscana.

Por tudo isso, é que considero Francisco de Assis o primeiro reformador de fato e de direito da Igreja, além de ser o inspirador da Arte e da Cultura, posteriormente, na Modernidade. Entretanto, não foi somente nos fatores intelectuais desenvolvidos pela educação franciscana dos ilustres mestres franciscanos, corroborando ativamente com a transformação do mundo de então, sua principal contribuição está na sua ética de fraternidade e tolerância, extremamente moderna em relação à sua época. Nesse sentido, o Humanismo deve também a Francisco de Assis.

### **O ideal, o caráter e a fé franciscana**

As dimensões e o caráter da fé de Francisco de Assis podem ser mais bem sintetizados a partir da leitura dos últimos momentos de sua vida, como se verá resumidamente a seguir.

Trata-se do ano de 1225, um ano antes da sua morte, já muitíssimo castigado e prostrado devido às enfermidades, Francisco pede que os irmãos que estavam cuidando dele o levassem para uma cabana no lugar de sua primeira conversão. Este era o quadro clínico de Francisco de Assis:

No final do inverno de 1225, Leo, Rufino e alguns outros temeram que a morte de Francisco estivesse próxima. “Ele é só pele e ossos”, disseram a um antigo cronista, e quando um deles observou que seria mais fácil sofrer um martírio rápido, Francisco teve de concordar. “Sofrer essa doença, mesmo por três dias, é mais duro para mim do que qualquer martírio”. [...]

Durante dois meses, recordam os amigos, “ele ficou dentro daquela pequena cela escura. Não conseguia suportar a luz do sol durante o dia, nem a do fogo à noite. Tinha dores fortes e constantes os olhos, e à noite dificilmente podia repousar ou dormir”. Clara e suas freiras traziam alimentos, mas ele se alimentava de muito pouco; a maior parte ficava para os camundongos que corriam pela cabana o tempo todo. (Spoto, 2003, p. 291)

Neste momento difícil ele compõe um dos mais famosos cânticos que inaugura a poesia italiana, o *Cântico ao irmão Sol* ou *Cântico das Criaturas*. Após uma noite de sofrimento, Francisco chama um dos frades (irmãos) e diz que deseja fazer uma nova canção de louvor a Deus:

Quero escrever uma nova *Louvação a Deus* para Suas criaturas, que usamos todos os dias e sem as quais não poderíamos viver. Por meio delas, a raça humana ofende grandemente o Criador, e sempre mostramos ingratidão por



essas grandes dádivas e graças, sem louvar como deveríamos a Nosso Senhor o Criador, que nos deu tudo o que é bom. (Spoto,2003, p. 292)

O *Cântico* foi composto em três etapas. Na medida em que a saúde de Francisco se enfraquecia e ele se aproximava da morte, ele acrescentava uma estrofe. Segundo Spoto, era uma canção adiantada vários séculos em relação ao seu tempo. Rapidamente o frade escreve a primeira estrofe da canção no dialeto umbro original:

*Altissimu, omnipotente, bonsignore,  
tue sono le laude,  
la gloria elhonore  
et omne benedicctione.*

Altíssimo, todo-poderoso, bom Deus:  
a Ti o louvor,  
a glória e a honra  
e todas bênçãos.

*Ad te solo, Altíssimo, se konfano  
et nullu homo enne dignu  
te mentovare.*

A Ti somente, Altíssimo, elas pertencem  
e homem algum é digno  
de mencionar Teu nome.

*Laudato sie, misignore, cum tucte le tue  
creature,  
spetialmente messorlo lo frate sole,  
loquale iorno et allumini noi par loi.*

Sê louvado, Senhor, com todas as Tuas  
criaturas,  
especialmente o Senhor Irmão Sol,  
que é o dia e por meio do qual nos dás a luz.

*Et ellu ebellu eradiante cum grande splendore:  
de te, Altissimo, porta significatione.*

E ele é belo e radioso com grande esplendor  
E feito à Tua semelhança, Altíssimo.

*Laudato si, misignore, per sora luna ele stele:  
in celu lai formate clarite  
et pretiose et belle.*

Sê louvado, Senhor, pela Irmã Lua e as  
estrelas:  
no céu as formaste, claras, preciosas e belas.

*Laudato si, misignore, per frate vento,  
et per aere et nubilo  
et sereno et omne tempo  
per loquale a le tue creature  
da sustentamento.*

Sê louvado, Senhor, pelo Irmão Vento,  
e pelo ar nublado e sereno  
e todos os tipos de clima  
por meio dos quais dás sustento a Tuas  
criaturas.

*Laudato si, misignore, per sor aqua,  
laquale et multo utile et humile  
et pretiose et casta.*

Sê louvado, Senhor, pela Irmã Água,  
que é muito útil e humilde,  
preciosa e pura.

*Laudato si, misignore, per frate focu,  
per loquale ennalumini la nocte:  
edello ebellu et iocundo  
et robusto et forte.*

Sê louvado, Senhor, pelo Irmão Fogo  
por meio do qual ilumina a noite,  
e ele é belo e alegre,  
robusto e forte.

*Laudato si, misignore, per sora nostra matre  
terra,  
laquale ne sustenta et governa,  
et produce diversi fructi  
con coloriti flori et herba.*

Sê louvado, Senhor, por nossa Irmã, a mãe  
Terra,  
que nos sustenta e governa

e que produz variados frutos,

com flores e ervas coloridas. (Spoto, p. 293-295)

Após isto, o cardeal Ugolino e frei Elias convenceram Francisco, já quase cego e com fortes dores de cabeça, a comparecer num médico renomado, que iria experimentar em Francisco um novo método na cura de doença dos olhos. Ocorre que o tratamento era extremamente doloroso. Tratava-se da aplicação de um ferro ardendo em brasa que penetraria atrás da orelha do enfermo. Francisco ao sentir o calor do ferro ardente se aproximou do fogo e solicitou humildemente segundo a descrição a seguir:

Meu irmão fogo, todas as criaturas te invejam a formosura, porque o Altíssimo te criou poderoso, belo e útil; sê-me nesta hora propício. Sabes quanto te amei sempre, e quanto te amo ainda com o amor daquele Senhor que te criou. Não sejas bravo comigo, mas benigno e atencioso. E ao nosso Criador eu imploro que tempere o teu calor, de tal modo que eu possa suportar.

Sem coragem de assistir à operação, os irmãos, horrorizados, saíram do quarto. O ferro foi aplicado. A cauterização profunda pegou larga extensão, pois toda a região que vai da orelha aos olhos ficou inteiramente queimada. Nenhum movimento fez, entretanto, o paciente; parecia mesmo insensível a tão cruel martírio. Disse, com calma, no fim: “Se a carne não está ainda bastante cauterizada, podeis aplicar o ferro outras vez”.

O médico ficou profundamente admirado, ao ouvir essas palavras, e viu no acontecimento verdadeiro milagre. (Leite, 1980, p. 275-276)

De nada adiantou este procedimento e as dores permaneciam. Francisco, então, foi levado pelos irmãos a outro médico em Siena, o qual inseriu ferros em brasa em seus ouvidos; e que também em nada aliviou as suas dores. O estado de saúde de Francisco se agravou muito e

No início de 1226, Francisco teve o mais debilitante ataque de malária até então. Seus órgãos internos estavam já permanentemente intumescidos por lesões e haviam se tornado praticamente reservatórios de parasitas da malária. As fontes antigas registram todos os sintomas dessa doença: fígado e baço inchados, com vômitos profusos e freqüentes, anemia (que dava a sua pele um tom cinza-azulado), profunda fraqueza e acentuada perda de peso, falta de ar, “depois do que seu abdômen, pernas e pés começaram a inchar”, e Francisco começou a vomitar sangue. (Spoto, 2003, p. 301)

De fato se tratava de um momento inoportuno para entoar louvores, mas não para Francisco, e o tema do Cântico, observando-se bem, não contempla os sofrimentos causados pelas enfermidades que o maltratava. Estranhamente, porém, ele podia encontrar alegria para cantar. Ao invés de praguejar e sucumbir logo à morte, ao contrário, com uma profunda clareza da fé que sempre pregara, começa a tecer elogios ao Senhor. Elogiou-o pela natureza e pelos seus frutos, mesmo não podendo prová-los naquele momento, diante das complicações intestinais que estava sofrendo. Elogia ao Senhor pelos quatro elementos, fogo, água, terra e ar, se despedindo saudosamente destes. Por fim, quando então se refere à morte, ele glorifica e

bendiz inusitadamente a Deus, diante daquilo que Francisco considerava uma maravilha e um juízo de Deus a quem vivesse no pecado. Justamente nessa ocasião ele acrescenta ao *Cântico das Criaturas* uma nova estrofe:

*Laudate si, misignore, per quelli ke perdonano, per lo tuo amore et sostengo infirmitate et tribulatione*

*Beati quelli kel sosterranno in pace, ka da te, Altissimo, sirano incoronati.*

Sê louvado, Senhor, por aqueles que perdoam, por Teu amor, e suportam enfermidades e atribulações.

Abençoados os que suportam em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados. (Cf. Spoto,2003, p. 302-301; Leite, 1980, 302-303)

Não se preservou a melodia do hino, mas antes do final da terceira e última parte ele já era cantado em toda a Úmbria.

E nos últimos dias de setembro de 1226, tendo sido informado pelo médico de que morreria, chamou novamente seus amigos, Leo, Ângelo e Rufino, e já sentindo a aproximação da morte, requereu que se recitasse o *Cântico*. Após recitarem, Francisco murmurou que acrescentaria mais uma estrofe ao *Cântico*:

*Laudato si, misignore, per sora nostra, morte corporale, da laquale nullu homo vivente poskappare. Gai acqueli ke morrano ne le peccata mortali! Beati quelli ke trovarane le tue sanctissime voluntati, ka la morte secunda nol farra male. Laudate et benedicite, misignore, et rengratiare et serviate li cum grande humilitate.*

Sê louvado, meu Senhor, por nossa Irmã Morte Corporal, Da qual nenhum vivente pode fugir. Ai daqueles que morrerem em pecado mortal! Abençoados aqueles a quem a morte venha encontrar em tua santíssima vontade, pois a segunda morte não lhes fará mal. Louva e abençoa meu Senhor e agradece-Lhe, E serve-O com grande humildade. (Spoto,2003,p.306)

Finalmente, a 03 de outubro de 1226, um sábado, Francisco disse aos que cuidavam dele:

Quando virdes que cheguei ao fim, colocai-me nu no chão, e deixai-me ali pelo tempo necessário para minha última caminhada.” Naquela tarde, ouviram-no murmurar os versos iniciais do Salmo 141: “Eu vos peço, Senhor, vinde rapidamente a mim... ouvi minha voz que vos chama... em vós busco refúgio; não me deixeis indefeso.

Seus amigos seguiram suas instruções e o colocaram despido no chão de sua cela; [...]. No âmago de seu ser, Francisco finalmente dependia absoluta e unicamente de Deus. Sua pobreza era absoluta: nada existia entre ele e Deus. Após um breve tempo, foi novamente vestido com sua túnica e suavemente deposto em seu leito de palha. (Spoto, 2003, pp. 313-314).

Assim cessaram definitivamente de Francisco suas dores. Sua fé colocou nos seus lábios este Cântico bem elaborado, como documento que atesta o quanto se dedicou a Deus e ao próximo. O *Cântico das Criaturas* terminado ficou assim:

Altíssimo, todo-poderoso, bom Deus:  
a Ti o louvor,  
a glória e a honra  
e todas bênçãos.

A Ti somente, Altíssimo, elas pertencem  
e homem algum é digno  
de mencionar Teu nome.

Sê louvado, Senhor, com todas as Tuas  
criaturas,  
especialmente o Senhor Irmão Sol,  
que é o dia e por meio do qual nos dás a luz.

E ele é belo e radioso com grande esplendor

E feito à Tua semelhança, Altíssimo

Sê louvado, Senhor, pela Irmã Lua e as estrelas:  
no céu as formaste, claras, preciosas e belas

Sê louvado, Senhor, pelo Irmão Vento,  
e pelo ar nublado e sereno

e todos os tipos de clima

por meio dos quais dás sustento a Tuas criaturas

Sê louvado, Senhor, pela Irmã Água,

que é muito útil e humilde,  
preciosa e pura

Sê louvado, Senhor, pelo Irmão Fogo  
por meio do qual ilumina a noite,  
e ele é belo e alegre,  
robusto e forte

Sê louvado, Senhor, por nossa Irmã, a mãe Terra,  
que nos sustenta e governa  
e que produz variados frutos,

com flores e ervas coloridas

Sê louvado, Senhor, por aqueles que perdoam,  
por Teu amor,

e suportam enfermidades e atribulações.

Abençoados os que suportam em paz, pois por ti,  
Altíssimo, serão coroados

Sê louvado, meu Senhor, por nossa Irmã Morte  
Corporal,

Da qual nenhum vivente pode fugir.

Ai daqueles que morrerem em pecado mortal!

Abençoados aqueles a quem a morte venha

encontrar em tua santíssima vontade,

pois a segunda morte não lhes fará mal.

Louva e abençoa meu Senhor e agradece-Lhe,

E serve-O com grande humildade

Essas são as bases da fé de Francisco de Assis, as quais estão mui distantes da consciência da massa evangélica hodierna. Seu movimento de avivamento apostólico fundou-se na pregação dos evangelhos ao povo. Essa pregação desestruturou os fundamentos do ódio e da intolerância, renovando, inspirando e valorizando a fé cristã.

Encerro esse texto com a conhecida *Oração de São Francisco*, que na verdade não foi dele, mas lhe foi atribuída conforme indica Boff (1999, p. 15-22), por resumir bem os pontos principais do seu ideal, caráter e fé:

Senhor,  
Fazei-me um instrumento de vossa paz.  
Onde houver ódio, que eu leve o amor;  
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;  
Onde houver discórdia, que eu leve a união;  
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;  
Onde houver erro, que eu leve a verdade;  
Onde houver desespero, que eu leve a  
esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;  
Ó Mestre,  
Fazei que eu procure mais consolar, que ser  
consolado;  
Compreender, que ser compreendido;  
Amar, que ser amado,  
Pois é dando que se recebe,  
É perdoadando que se é perdoado,  
E é morrendo que se vive para a vida eterna.

### Referências Bibliográficas

BOFF, Leonardo. *A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. Rio de Janeiro, Sextante, 1999.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã*. São Paulo, Vida Nova, 1988.

CHESTERTON, G. K. *Doze tipos*. Rio de Janeiro, TopBooks, 1993.

DREHER, Martin N. *A Igreja no mundo medieval*. Coleção história da igreja. V. 2. São Leopoldo, Sinodal, 1994.

DREHER, Martin N. *A Igreja no mundo medieval*. Coleção história da igreja. V. 2. São Leopoldo, Sinodal, 1994.

Evangelho Segundo Lucas 6.20b. *Bíblia Revista e Atualizada no Brasil*. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: SBB, 1993.

Evangelho Segundo Mateus 10.7-10. *Bíblia Revista e Atualizada no Brasil*. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: SBB, 1993.

GONZALEZ, Justo L. *E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do cristianismo*. Vol. 4 São Paulo, Vida Nova, 2000.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis..* Rio de Janeiro, Record, 2001.

LEITE, Deodato Ferreira. *Francisco, cantor da paz e da alegria*. São Paulo, Paulinas, 1980.

RAHNER, Karl. *Teologia da Pobreza*. Caxias do Sul, Paulinas, 1969.

SPOTO, Donald. *Francisco de Assis, o santo relutante*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo, ASTE, 2000.

WHITE, Ellen G. *Administração eficaz: Como multiplicar os recursos com sabedoria*. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2002.